
EM PROL DA
BIODIVERSIDADE
CRIAR *HABITAT* PARA O LINCE-IBÉRICO
E A ÁGUIA-IMPERIAL
BONDALTI
EVOLVING CHEMISTRY

BONDALTI

FÁBRICA DE ESTARREJA

BONDALTI



"Um dos pilares da atividade da Bondalti
é a atuação responsável, à qual está intimamente ligada
a preocupação com o meio ambiente."





BONDALTI - EM PROL DA BIODIVERSIDADE



"A proteção da Biodiversidade é um dos temas
nos quais a Bondalti atua através de diversas iniciativas,
como a promoção da conservação das espécies
águia-imperial-ibérica e lince-ibérico – que é o tema
desta brochura. Esta preocupação deverá ser um desafio
permanente da nossa agenda, para promovermos
um mundo melhor e mais sustentável."

ENG. JOÃO DE MELLO

Presidente do Conselho
de Administração
da Bondalti

COMPROMISSO COM A NATUREZA

A Bondalti é a empresa líder na Indústria Química em Portugal.

Destaca-se pela sua elevada capacidade produtiva, pela aposta permanente na Inovação e pelo cumprimento rigoroso de exigentes padrões de qualidade – especialmente nas áreas da Segurança e do Ambiente.

As questões sociais e ambientais são uma preocupação constante da Bondalti, que desenvolve diversas iniciativas nestes domínios há longos anos. Os temas relacionados com a gestão e conservação dos recursos naturais e com a promoção da Biodiversidade têm ocupado um espaço crescente na sua agenda.

No âmbito da Responsabilidade Ambiental, a prioridade da empresa, que pertence ao Grupo José de Mello, é conjugar o apoio financeiro a projetos de conservação de *habitats* de espécies ameaçadas com a adoção de práticas internas sustentáveis.

Neste último caso, a Bondalti apresenta um comportamento exemplar. Nos últimos anos, a empresa tem vindo a apresentar resultados cada vez melhores nos indicadores de intensidade energética e carbónica. Mais especificamente, comparativamente a 2016, a Bondalti consumiu menos 5% de energia e produziu menos 21% de emissões de gases com efeito de estufa por tonelada de produto.









RECUPERAR A BIODIVERSIDADE

Com a assinatura de um protocolo de colaboração com a Associação Nacional de Proprietários Rurais Gestão Cinegética e Biodiversidade (ANPC), a Bondalti aceitou um desafio extraordinário.

O desafio de apoiar um projeto que irá marcar pela diferença. Concedendo suporte financeiro que permite executar no terreno um arrojado e meritório projeto de Conservação da Natureza.

Um projeto que, no prazo de três anos, produzirá resultados visíveis e palpáveis. Um projeto que intervém na gestão ativa de uma vasta área natural e rural, com elevado valor de conservação.

Uma área que encerra um imenso potencial para acolher duas das mais emblemáticas e prioritárias espécies da fauna ibérica: o lince e a águia-imperial.

Estas duas espécies são predadoras de topo e a sua presença nos ecossistemas mediterrânicos é um excelente bioindicador da qualidade desses mesmos espaços.

Um território habitado pelo raro lince-ibérico ou pela ameaçada águia-imperial é uma área de excelência em termos naturais. A sua sobrevivência nestes ecossistemas é uma chancela de qualidade para a gestão desses frágeis *habitats*.





© Joaquim Pedro Ferreira



© Paulo Caetano



© Joaquim Pedro Ferreira

PORQUÊ A ANPC?

Porque a ANPC é uma organização que representa um grande número de proprietários rurais e entidades gestoras de zonas de caça, incluindo muitas áreas onde ocorrem ou existem condições para que ocorram lince-ibérico e águia-imperial, entre muitas outras espécies protegidas; sendo ainda uma organização que tem um profundo conhecimento do território e dos modelos de gestão existentes, pugnando sempre pelas boas práticas de gestão cinegética e conservação da Natureza; que desenvolveu intenso trabalho na recuperação do lince-ibérico, sendo inclusivamente proponente e subscritora do Pacto Nacional para a Conservação do lince-ibérico e membro da Comissão Executiva do Plano de Ação para a Conservação do lince-ibérico; para além de ter sido parceira em vários projetos destinados à recuperação do lince-ibérico e do coelho-bravo.

anpc
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROPRIETÁRIOS RURAIS GESTÃO CINEGÉTICA E BIODIVERSIDADE

UM CORREDOR ECOLÓGICO PARA ESPÉCIES AMEAÇADAS

A escolha do território onde se irá desenvolver este projeto recaiu sobre um conjunto de quatro zonas de caça contíguas, totalizando aproximadamente 3 mil hectares que, no seu conjunto, recebem a designação de Vale de Perditos. Situado junto à fronteira com Espanha, ao longo do rio Chança, trata-se de um território que, apesar de marginal para a agricultura, reúne condições naturais privilegiadas e uma paisagem única, sendo alvo de uma gestão cuidada que importa fomentar e fazer perdurar.

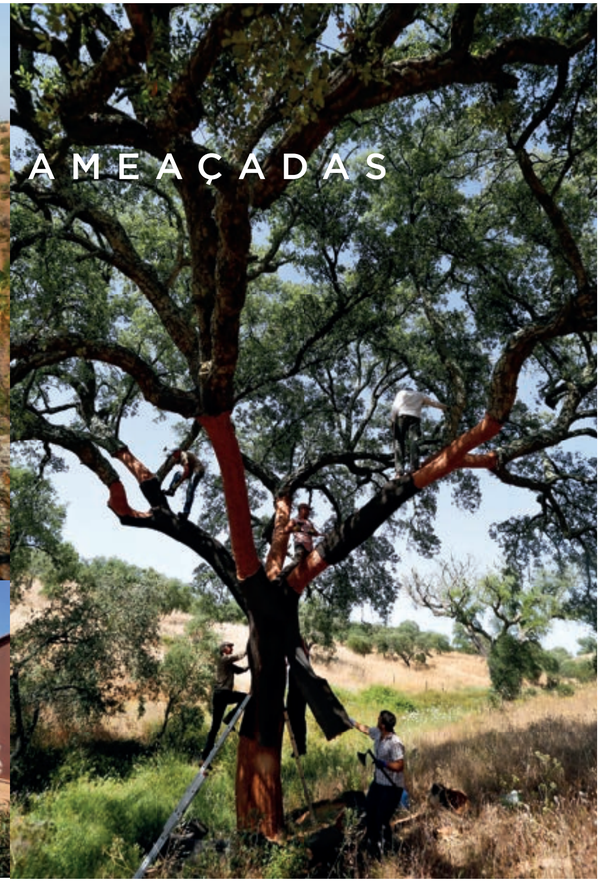
A zona de Vale de Perditos possuí uma localização estratégica para estes grandes predadores, situando-se ao longo de um corredor ecológico natural, formado pelo rio Chança, tributário do rio Guadiana. Mas não só. Está também localizado em plena área de expansão das populações de águia-imperial e a meio do triângulo formado pelo único núcleo de linces existente em Portugal (na região de Mértola, mais a sul), as áreas de ocorrência de linces e de reintrodução desta espécie em Espanha (a este) e a zona onde têm vindo a ser feitos fortes investimentos para a criação de um novo núcleo em Portugal, na região de Moura-Barrancos, mais a norte.

Contribuiu ainda para a seleção deste território o facto de ter merecido certificação da gestão cinegética e dos recursos naturais aí desenvolvida, recebendo o certificado de *Wildlife Estate*.









A grande diversidade paisagística de Vale de Perditos faz deste local um paraíso natural com rara beleza e grande riqueza faunística, caracterizando-se pela alternância de zonas agrícolas e áreas de montado de sobro e azinho, com zonas mais selvagens que acompanham as encostas dos barrancos mais cavados e do rio Chança, ponteadas por afloramentos rochosos e pelos matagais mediterrânicos.

No seu conjunto, os distintos tipos de ocupação do solo e o seu recorte fazem da zona de Vale de Perditos um mosaico perfeito para a fauna.

Tudo isto, aliado a uma gestão cuidada e à permanente vigilância, particularmente focada na prevenção de incêndios e em evitar a perturbação das espécies nos períodos críticos, permite reunir em Vale de Perditos condições de excelência que são comprovadas pela ocorrência de importantes espécies animais que aí nidificam, onde pontuam algumas com elevado estatuto de conservação como a águia-real, a águia-de-bonelli, a cegonha-negra ou o gato-bravo.

VALE DE PERDITOS
PARAÍSO NATURAL

FOMENTAR AS PRESAS











O repto é imenso. E sensível. Cuidar da Natureza e, quando necessário, ajudá-la a melhorar. Fomentar os diferentes *habitats* existentes em Vale de Perditos de que as perdizes e os coelhos, presas de linces e águias, necessitam para sobreviverem e se reproduzirem com sucesso. Intervir nos *habitats* seguindo as melhores práticas e alicerçados em técnicas que resultam do conhecimento científico, para criar e manter as condições ideais e para se corrigirem eventuais desequilíbrios.

A intervenção mais estruturante é a instalação de diversos campos de alimentação, vulgarmente designados como culturas para a caça, destinados a proporcionar alimento, locais de nidificação e refúgio para as espécies-presa, mas beneficiando igualmente muitas outras espécies presentes no ecossistema. Sementeiras de gramíneas e leguminosas, como trigo, ervilhaca e tremocilha, que garantem uma maior e mais regular disponibilidade alimentar, instaladas em pequenas parcelas de modo a potenciar o efeito de orla, em locais criteriosamente escolhidos para maximizar os efeitos para a fauna e o combate à erosão.

Em ambientes como o Alentejo, o acesso à água também é um fator crítico. Pelo que, no âmbito deste projeto de conservação que a Bondalti apoia, uma outra prioridade é a limpeza das linhas de águas e a manutenção dos pontos de água naturais e barragens.

Mas, como todos estes trabalhos necessitam de complemento, optou-se por outras soluções de resultados comprovados: instalou-se uma malha de 272 comedouros e 120 bebedouros artificiais – que ajudam a viabilizar o aumento das populações de presas.

No seu conjunto, a vegetação em mosaico e a densa rede de pontos de água permitem ainda garantir as descontinuidades essenciais para reduzir o risco e a propagação de incêndios.

MONTES COM VIDA

Todas as medidas, que foram concretizadas na zona de Vale de Perditos, estão a gerar bons resultados e a permitir o aumento consolidado das populações de perdiz-vermelha e de coelho-bravo, trazendo por arrasto outras espécies como a águia-imperial, frequentemente observada em comportamento de caça, e criando as necessárias condições para que o lince-ibérico possa voltar a ocupar este território.

A presença recorrente de águia-imperial é, aliás, um excelente bioindicador de que as condições presentes no terreno são também adequadas ao lince-ibérico.

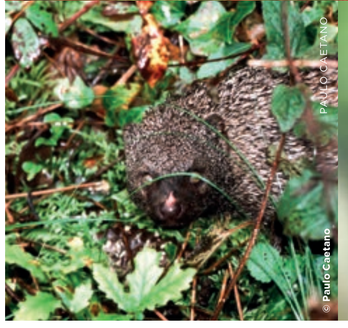
Mas estas medidas não se esgotam em si próprias.

É ainda necessário desenvolver um continuado trabalho de monitorização das espécies, com censos realizados em vários momentos ao longo do ano, contagens essas fundamentais para comprovar o sucesso do trabalho desenvolvido, compreender a dinâmica das populações e os fatores que a influenciam, bem como para detetar problemas que necessitem de intervenção ou a necessidade de ajustar as medidas de gestão em curso.

Esta monitorização permite determinar a necessidade de realização de ações de controle de densidades de espécies oportunistas, como acontece frequentemente com predadores muito abundantes como a raposa e o sacarrabos.

Estes predadores generalistas, quando em excesso, comprometem o sucesso das populações de coelho-bravo e perdiz-vermelha e, por arrasto, a viabilidade de outras espécies de predadores especialistas e com elevado estatuto de conservação.


© Joaquim Pedro Ferreira


© Paulo Caetano


© Joaquim Pedro Ferreira


© Joaquim Pedro Ferreira


© Joaquim Pedro Ferreira

No caso da perdiz, por exemplo, os censos são realizados em três fases: em janeiro, após o término da época de caça; em fevereiro/março para a contagem de casais; e em junho/julho para se obter o rácio entre jovens e adultos, o que constituí uma medida do sucesso reprodutivo em cada ano.

Já para o coelho, são mantidas parcelas de monitorização permanente onde mensalmente se avalia a taxa de deposição de excrementos, o que constituí uma forma de estimar abundâncias e detetar flutuações populacionais com grande rigor, desde aumentos populacionais no seguimento do período reprodutivo (medindo o sucesso da reprodução), até quebras abruptas após o surgimento de surtos de doenças.

Toda a informação obtida, através de meios científicos, é georreferenciada e permite uma gestão ativa destes recursos naturais numa ótica multifuncional, de forma a harmonizar as práticas agrícolas, florestais e cinegéticas com a Conservação da Natureza.

MARÇO (PERDIZES - CENSO DE PRIMAVERA)	
2013	**1.448**
2014	**1.634**
2015	**2.157**
2016	**2.554**
2017	**3.070**
2018	**3.710**

VALE DE PERDITOS
PARAÍSO NATURAL

EM PROL DA BIODIVERSIDADE





© Paulo Caetano

LINCE-IBÉRICO
O CAÇADOR DAS SOMBRAS

O lince-ibérico (*Lynx pardinus*) é um dos felinos mais ameaçados do planeta. Apesar de, em tempos históricos recuados, se encontrar disperso por toda a Península Ibérica e pelo Sul de França, as populações de linces registam retrocessos significativos há vários séculos.

A extinção local sucedeu primeiro para lá dos Pirenéus e, mais tarde, a regressão do número de exemplares atingiu também Portugal e Espanha. Considerado como um animal daninho, por ser um predador de coelhos, o lince foi perseguido até desaparecer das serranias ibéricas do Norte e do Este.

Ao longo da segunda metade do século XX acabou por deixar de ser visto nas das regiões espanholas da Serra da Gata, Salamanca, Cáceres e Granada. Em Portugal, onde existiam escassos exemplares na Malcata e nas serras algarvias, a espécie também foi aniquilada.

Entre 1960 e 1990, a população de linces poderá ter sofrido uma redução próxima dos 80%, principalmente por causa da destruição do seu território e da mixomatose e da hemorrágica viral – duas doenças altamente contagiosas que dizimam os coelhos-bravos, principal presa dos linces.

No início de século XXI, segundo prestigiados investigadores espanhóis como Miguel Delibes e Francisco Palomares, apenas sobreviviam 150 animais em duas pequenas zonas da Andaluzia: na Serra Morena e no Parque Nacional de Doñana. Foi nessa altura que soaram todos os alarmes e as autoridades espanholas e portuguesas passaram a considerar esta espécie muito ameaçada como sendo de conservação prioritária.

O plano de reprodução em cativeiro, que então se iniciou, deu os seus frutos. Esses animais nascidos nos centros de cria em Portugal e Espanha começaram, então, a ser devolvidos à Natureza – de forma controlada e em territórios onde estava confirmada a sua ocorrência histórica.

Em Portugal, desde 2015, foram libertados quase 30 animais adultos. E a reprodução na Natureza voltou a ser uma realidade!

MORFOLOGIA

Como caçador especialista, o lince-ibérico possui um corpo vigoroso e quase arredondado, suportado por membros elásticos, o que lhe permite mover-se com extrema agilidade e em profundo silêncio. As patas posteriores – mais robustas – são responsáveis pela sua elevada capacidade de impulsão. As almofadas dos pés encontram-se bem individualizadas conferindo-lhe uma marcha silenciosa. E os seus olhos profundos, de amarelo esverdeado, garantem-lhe uma enorme acuidade visual. Os grandes pavilhões auditivos terminam em peculiares pincéis de pelos rígidos, que poderão ter como função aumentar o carácter mimético da espécie. Uma das características mais conhecidas do lince-ibérico são as suas longas patilhas, que aumentam progressivamente com a idade. A cauda é curta e possui um tufo de pelos escuros na extremidade. A cor da pelagem varia do amarelo salpicado por manchas negras até ao cinzento com pontos pretos e difusos. Quando adultos, os machos pesam entre 11 e 15 kg, enquanto as fêmeas de menor porte oscilam entre 8 e 10 kg. O comprimento cabeça-corpo pode variar entre 80 a 110cm. A altura do garrote varia entre 60 e 70cm.

ECOLOGIA

Os *habitats* preferenciais do lince-ibérico são os bosques e matagais mediterrânicos. Os velhos e densos montados de azinho ou de sobro – com subcoberto diversificado e bem desenvolvido –, as áreas de matos e matagais associadas a zonas rochosas são, aliás, os seus últimos redutos. Estas zonas estão frequentemente associadas a vales e linhas de água encaixadas, onde a cobertura vegetal é abundante e a perturbação é mínima. A sua alimentação é constituída quase exclusivamente por coelho, sendo complementada por ratos, aves e crias de cervídeos.

CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA

REINO	*Animalia*
FILO	*Chordata*
CLASSE	*Mammalia*
ORDEM	*Carnivora*
FAMÍLIA	*Felidae*
GÉNERO	*Lynx*
ESPÉCIE	*Lynx pardinus*

NOME COMUM
Lince-ibérico, lince, liberne, cerval, lobo-cerval, gato-cerval ou gato-cravo

REPRODUÇÃO

A época do cio ocorre no Inverno, entre os finais de dezembro e janeiro. Durante estas noites frias é possível ouvir o som dos roncos de lamento, que anunciam o seu estado de excitação. Ao longo deste período, os machos e as fêmeas permanecem juntos e podem ser vistos durante o dia. Na cópula a fêmea estende-se no solo, levantando ligeiramente a cabeça, ao que o macho responde com uma ligeira dentada na nuca. O período de gestação dura entre 63 e 74 dias, após o qual nascem uma a quatro crias. Na maioria dos casos, as ninhadas têm apenas dois animais e os cuidados são unicamente maternais. Os locais eleitos para o nascimento variam com o tipo de *habitat*: um tronco velho, um buraco num rochedo ou o interior de uma grande aroeira. Qualquer abrigo serve desde que a tranquilidade e o sossego estejam assegurados.

CURIOSIDADE

Os estudos científicos são unânimes em considerar que a presença do lince-ibérico num determinado território favorece as populações de coelho e de perdiz. A explicação é simples: ao dominarem uma zona, os linces perseguem e expulsam sacarrabos e raposas, fazendo diminuir a pressão destes predadores generalistas sobre os coelhos. Desta forma, as densidades de coelhos em locais onde o lince está presente são, em média, 2 a 4 vezes superiores às áreas onde este felino está ausente.









ÁGUIA-IMPERIAL-IBÉRICA
A RAINHA DOS CÉUS

A águia-imperial-ibérica (*Aquila adalberti*) é a ave de rapina mais ameaçada da Europa. Espécie endémica do oeste do Mediterrâneo, com distribuição atual restrita à Península Ibérica, esta grande águia é extremamente sensível às alterações no seu *habitat*, com frequência causadas pelo Homem.

Na década de 80, o alarme foi dado: a águia-imperial-ibérica estava extinta em Portugal. A espécie não nidificava em território nacional havia mais de uma década – foi o culminar de um longo e doloroso processo de diminuição de casais reprodutores.

Mas os raros exemplares juvenis que ocasionalmente se avistavam, bem como a existência de núcleos reprodutores do outro lado da fronteira, alimentaram a esperança que esta emblemática rapina poderia voltar a criar em Portugal.

E foi o que sucedeu em 2003, quando um casal reprodutor se instalou na envolvente do Parque Natural do Tejo Internacional. E a partir dessa data, lentamente, a população consolidou-se.

As ameaças que pendem sobre esta ave de rapina são tão graves que a International Union for Conservation of Nature (IUCN), que mede o risco de extinção de todas as espécies animais, classificou-a com o estatuto de Vulnerável no seu Livro Vermelho, publicado em 2008.

Já o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, que também utiliza critérios reconhecidos internacionalmente, colocou-a entre as espécies consideradas como Criticamente em Perigo – a categoria que antecede a extinção e que apenas é atribuída às espécies que enfrentam um risco extremamente elevado de desaparecerem da Natureza.

Atualmente conhecem-se apenas 407 casais nidificantes, dos quais 396 em Espanha: 150 na região de Castela-Mancha, outros 91 na Andaluzia, 56 na região autonómica de Castela e Leão, 50 na Estremadura e 49 na Comunidade de Madrid.

Os restantes 11 casais voltaram a criar em terras portuguesas. As margens dos rios Erges e Ponsul, o Vale do Guadiana e as zonas de Moura, Mourão e Barrancos guardam agora este escasso tesouro natural.

Este regresso levou as autoridades nacionais a promoverem um vasto conjunto de ações de conservação para a águia-imperial, cujos resultados são já visíveis no aumento do número de potenciais casais reprodutores e na colonização de novos territórios.

MORFOLOGIA

A águia-imperial-ibérica está entre as maiores rapaces do mundo. É uma ave impressionante, que pode atingir os dois metros e dez centímetros de envergadura com as duas asas abertas. A sua vocalização é muito característica, uma vez que solta latidos semelhantes ao ladrar de um cão e não os habituais pios de outras aves de rapina. O reconhecimento desta espécie, ao contrário do que se poderia pensar, é recente. Pensava-se que estas grandes rapinas ibéricas seriam uma subespécie das águias-imperiais (*Aquila heliaca*), mas alguns estudos científicos do final do século XX expuseram as diferenças genéticas, morfológicas e de plumagem da população ibérica. O resultado foi o surgimento da nova espécie (*Aquila adalberti*), considerada endémica da Península Ibérica, apesar alguns indivíduos imaturos em dispersão serem avistados no norte de África. A águia-imperial-ibérica passa a maior parte do seu tempo de vigília em pontos altos ou planando em busca de alimento. As suas presas preferenciais são coelhos que caça no solo, em voos rasantes. Mas também pode predar sobre lebres, perdizes-vermelhas, reptéis, sacarrabos ou crias de raposa. Prefere capturar exemplares fracos e doentes, o que contribui para a manutenção de populações saudáveis de presas.

ECOLOGIA

À semelhança do lince-ibérico, a sobrevivência da imponente águia-imperial depende dos vastos espaços abertos, das típicas paisagens do sul de Portugal e de Espanha. O seu *habitat* de excelência, aquele que coloniza em primeiro lugar e onde se fixa, é o das planícies e montes que sofrem a influência mediterrânica: grandes montados de sobro e azinho, cobertos por matagais. É importante que estes montados sejam intercalados por outras áreas abertas, como pastagens e culturas extensivas de cereais. Mas, além da paisagem, as águias-imperiais têm outra condição essencial para a sobrevivência: a disponibilidade de coelho-bravo em abundância.

CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA

REINO	*Animalia*
FILO	*Chordata*
CLASSE	*Aves*
ORDEM	*Accipitriformes*
FAMÍLIA	*Accipitridae*
GÉNERO	*Aquila*
ESPÉCIE	*Aquila Adalberti*

NOME COMUM
Águia-imperial

REPRODUÇÃO

A parada nupcial das águias-imperiais é de cortar o fôlego. Inicia-se nas semanas frias de janeiro e fevereiro com voos ondulados sobre o território que cada casal reivindica. O casal sobe até se tornar um ponto negro contra o céu azul e, sem aviso, lança-se em voo picado. Ou então, numa gesta acrobática, o macho investe sobre a fêmea em pleno voo e ambos se agarram pelas garras, rodopiando vertiginosamente até se soltarem já perto do solo. Os juvenis saem do ninho no final de julho, para os seus primeiros voos de exploração. Tornam-se cada vez mais ousados e realizam movimentos dispersivos para zonas de assentamento – ricas em presas. Depois, com a maturidade, tendem a regressar aos seus locais de origem, para perpetuarem a espécie. Ao contrário de outras grandes rapinas, a águia-imperial não migra. É uma rapace monogâmica e fiel ao seu território que, nas condições ecológicas ideais, pode viver cerca de 16 anos.

CURIOSIDADE

Até chegar a adulto, uma cria de águia-imperial passa por muitas mudanças – particularmente visíveis na sua plumagem. Logo nos seus primeiros meses de vida, o juvenil exibe uma cor avermelhada, em tons de ferrugem. Essas penas iniciais vão-se desgastando com a ação do sol e do vento e começam a adquirir um tom baço e amarelado, como se fossem de palha. Uns meses depois, a plumagem sofre nova alteração. As penas amarelecidas começam a ser substituídas por outras alaranjadas na cabeça, pescoço e coberturas alares. Mais tarde surgem penas castanhas escuras que se destacam das anteriores, dando às jovens águias-imperiais um aspeto axadrezado. Com o passar do tempo, as penas castanhas sobrepõem-se e vão cobrindo todo o corpo da rapace. Quando chega à fase subadulta, a ave apresenta uma plumagem quase negra, mas ainda com vestígios de penas mais claras. E o branco já marca os seus característicos ombros. No final de todas estas transformações, a águia-imperial adulta exibe uma plumagem negra, com a parte posterior da cabeça e a nuca douradas. O bordo branco mantém-se, continuando a delimitar os ombros até ao rebordo superior das asas. E é esta sua característica, completamente distintiva em cada exemplar, que permite a identificação individual da ave.







EM PROL DA

BIODIVERSIDADE



CRIAR *HABITAT* PARA O LINCE-IBÉRICO
E A ÁGUIA-IMPERIAL

BONDALTI
EVOLVING CHEMISTRY